

A ELEVÇÃO DA VOGAL /O/ PRETÔNICA NO FALAR CULTO DE FORTALEZA

Brenda Kathellen Melo de ALMEIDA

Aluiza Alves de ARAÚJO

Maria Lidiane de Sousa PEREIRA

Rakel Beserra de Macêdo VIANA

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Resumo: Com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2006, 2008, 2010), este trabalho investiga o alteamento da vogal pretônica /o/ na fala culta de Fortaleza-CE. O objetivo é analisar a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o fenômeno. Para isso, selecionamos uma amostra de linguagem falada constituída por 34 informantes provenientes do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT). Dessa amostra, catalogamos 1.385 ocorrências que foram submetidas à análise estatística no programa computacional GoldVarb X. Os resultados evidenciaram que, dentre os fatores relevantes para o alteamento, estão: *tipo de vogal tônica, sexo, faixa etária e tipo de registro*.

Palavras-chave: Vogal. Pretônica. Variação. Alteamento. Fortaleza-CE.

THE RISING OF THE VOWEL /O/ ON THE CULT SPEECH OF FORTALEZA

Abstract: Based on the assumptions of the Variationist Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV, HERZOG 2006 [1968], LABOV, 2006, 2008 [1972], 2010), this work investigates the elevation of the pretonic vowel / o / in the educated speech of Fortaleza-CE. The objective is to analyze the influence of linguistic and extralinguistic factors on the phenomenon. For this, we selected a sample consisting of 34 informants from the Portuguese Oral Worship Project of Fortaleza (PORCUFORT). From this sample, we cataloged 1,385 occurrences that were submitted to the analysis of the GoldVarb X computer program. The results showed that among the relevant factors for the elevation are: *tonic vowel type, gender, age group, type of record*.

Keywords: Vowel. Pretonic. Variation. Raising. Fortaleza-CE.

LA ELEVACIÓN DE LA VOCAL / O / PRETÔNICA EN EL HABLAR CULTO DE FORTALEZA

Resumen: Basado en los supuestos de la Sociolingüística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2006, 2008, 2010), este trabajo investiga la elevación de la vocal pretónica /o/ en el habla culta de Fortaleza-CE. El objetivo es analizar la influencia de factores lingüísticos y extralingüísticos en el fenómeno. Para esto, seleccionamos una muestra de lenguaje hablada compuesta por 34 informantes del Proyecto Portugués Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT). A partir de esta muestra, catalogamos 1.385 ocurrencias que se sometieron a análisis estadístico en el programa informático GoldVarb X. Los resultados mostraron que, entre los factores relevantes para la elevación, se encuentran: *tipo de vocal tónica, sexo, grupo de edad y tipo de registro*.

Palabras-clave: Vocal. Pretonica. Variación. Elevación. Fortaleza-CE.

INTRODUÇÃO

No português falado no Brasil (SILVA, 1989; CELIA, 2004; AMORIM, 2009), é fato conhecido que o alteamento da vogal pretônica /o/ é um fenômeno variável que compreende duas variantes linguísticas: a *manutenção*, em que a vogal /o/ permanece inalterada como em “boneca”¹ e o *alteamento*, em que a vogal /o/ sofre um processo de elevação e é pronunciada com som de [u], como em “buneca”.

Diante desse produtivo fenômeno de variação linguística no português brasileiro, o objetivo deste estudo é testar, em amostra de linguagem culta de Fortaleza -CE, a influência de fatores linguísticos (*contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, atonicidade, tipo de sílaba tônica, tipo de átona seguinte, distância da vogal tônica, estrutura da sílaba e classe do vocábulo*) e extralingüísticos (*sexo, faixa etária e tipo de registro*) sobre o alteamento da pretônica /o/.

Para isso, tomamos como aporte teórico-metodológico, os pressupostos da Sociolingüística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2001, 2008 [1972], 2010). Em linhas gerais, a perspectiva variacionista compreende a heterogeneidade linguística como uma das propriedades mais marcantes das línguas naturais. A partir disso, defende que todo e qualquer fenômeno variável — no caso deste estudo, o alteamento da pretônica /o/ — não acontece de modo aleatório, mas sim, por meio de uma delicada interação

¹ Ilustração retirada do inquérito DID 37.

e atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos, os quais assinalam, dentre outras coisas, a sistematicidade dos chamados fenômeno variáveis.

Além disso, é importante ressaltar que, para um estudo variacionista, o foco da análise é a linguagem em uso, isto é, nos interessa “[...] a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos” (LABOV, 2008 [1972], p. 13). Com base nestes postulados, construímos uma amostra de linguagem falada composta por 34 informantes oriundos do banco de dados Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT).

Idealizado e coordenado pelo professor Dr. José Lemos Monteiro, o PORCUFORT foi construído nos moldes da perspectiva variacionista e figura, hoje, como um banco de dados de linguagem falada representativo da variedade culta da cidade de Fortaleza-CE. Aqui, além de todos os informantes possuírem ensino superior completo, eles também foram estratificados socialmente em função do *sexo* (masculino e feminino), da *faixa etária* (22-35, 36-55 e 56 anos ou mais) e do *tipo de registro* (Diálogo entre Informante e Documentador (DID), Elocução Formal (EF) e Diálogo entre Dois informantes (D2))².

Além de proporcionar um apurado retrato sociolinguístico da variação sobre o alteamento da vogal pretônica /o/, a realização deste trabalho se justifica pelo fato de que o fenômeno em tela, até o presente momento, não foi estudado em amostra de linguagem culta na capital cearense. Assim, à medida que promovemos um estudo acerca de um produtivo fenômeno de variação linguística com base em uma, até então, inédita amostra de fala, acreditamos que este trabalho poderá, futuramente, auxiliar na comparação dos resultados sobre esse fenômeno em diferentes momentos sincrônicos.

Além desta introdução, este artigo conta com mais quatro seções: a seção *Estudos de base variacionista no português brasileiro*, em que fazemos uma breve revisão da literatura pertinente ao fenômeno variável abordado aqui; a seção *Metodologia*, em que descrevemos e detalhamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa; a seção *Análise dos*

² Na seção da Metodologia, abordamos melhor o PORCUFOR, bem como a amostra de fala usada nesta pesquisa.

resultados, na qual apresentamos e discutimos os resultados alcançados, e, por fim, temos a seção *Considerações finais*, em que fazemos uma breve recapitulação dos principais achados deste trabalho e deixamos nossas recomendações para a realização de pesquisas futuras.

1. ESTUDOS DE BASE VARIACIONISTA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção, apresentamos, ainda que brevemente, alguns dos principais resultados obtidos nos trabalhos de Silva (1989), Celia (2004) e Amorim (2009), pois eles também contemplam o fenômeno do alteamento da pretônica /o/ com base em amostras de linguagem culta de outras localidades do Brasil. A revisão desses estudos nos ajudou a compreender o fenômeno variável em pauta e a constituir o envelope de variação³ deste trabalho, bem como a interpretar os nossos resultados.

Dito isso, frisamos que Silva (1989) pesquisou o alteamento da pretônica /o/ na fala culta de Salvador-BA. A amostra utilizada foi constituída por 24 inquéritos do tipo DID, oriundos do Projeto Norma Urbana Culta de Salvador (NURC-SSA). Nessa pesquisa, as variáveis controladas foram: altura da vogal, vogal contextual nasal, contexto precedente, contexto seguinte, faixa etária, sexo e procedência social.

Os resultados obtidos por Silva (1989) mostram que: a) no contexto fonológico precedente, a palatal é aliada do alteamento; b) no contexto fonológico seguinte, a alveolar e a palatal favorecem a regra; c) a átona permanente e a casual alta contribuem com o alteamento, na variável atonicidade; d) na variável tipo de átona seguinte, as vogais altas são aliadas do alteamento; e) o sexo masculino favorece, levemente, a regra; e f) a terceira faixa etária é a que mais contribui com o alteamento. Os achados de Silva (1989) podem ser mais bem visualizados na Tabela 1:

Tabela 01: Resultados de Silva (1989) para o alteamento da pretônica /o/

Grupo de fatores	Fatores favorecedores e Peso Relativo	
Contexto fonológico precedente	palatal (.61)	velar (.76)
Contexto fonológico seguinte	alveolar (.62)	velar (.75)
Atonicidade	átona permanente (.61)	Casual alta (.77)

3 No universo da Sociolinguística variacionista, o termo 'envelope de variação' é usado para referir à "descrição detalhada de uma variável, de suas variantes e dos contextos em que elas podem ou não ocorrer, ou seja, de como exatamente um fenômeno em variação está se manifestando" (COELHO et al., 2015).

Átona seguinte	vogais altas (,88)	-
Sexo	masculino (,52)	-
Faixa etária	III faixa etária (56 anos em diante) (,56)	-

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Celia (2004) estudou o alteamento da pretônica /o/ na fala culta de informantes de Nova Venécia-ES. O *corpus* do trabalho foi composto por 9 informantes do sexo feminino com ensino superior completo. Nesse estudo, foram monitoradas as seguintes variáveis: nasalidade, tipo de tônica, distância, pretônica seguinte, atonicidade, consoante precedente, consoante seguinte, estrutura silábica e faixa etária.

Os resultados encontrados por Celia (2004) revelaram que: a) no contexto fonológico precedente, a palatal e a velar são aliadas do alteamento; b) no contexto fonológico seguinte, a labiodental favorece a regra; c) na variável atonicidade, a átona permanente contribui com o alteamento; d) no tipo de vogal tônica, a vogal alta anterior e a alta posterior são favorecedoras da regra; e) na vogal átona seguinte, a alta posterior contribui favoravelmente com a regra; f) na distância, a distância 1 é aliada do alteamento; g) na estrutura da sílaba, a sílaba aberta favorece a regra; e h) a terceira faixa etária é aliada do alteamento. Na Tabela 2, resumimos melhor os resultados obtidos por Celia (2004):

Tabela 02: Resultados de Celia (2004) para o alteamento da pretônica /o/

Grupo de fatores	Fatores favorecedores e Peso Relativo	
Contexto fonológico precedente	palatal (,56)	velar (,67)
Contexto fonológico seguinte	labiodental (,59)	-
Atonicidade	átona permanente (,71)	-
Tipo de vogal tônica	alta anterior (,71)	alta posterior (,54)
Átona seguinte	alta posterior (,71)	-
Distância	distância 1 (,73)	-
Estrutura da sílaba	sílaba aberta (,61)	-
Faixa etária	III faixa etária (56 anos em diante) (,56)	-

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Amorim (2009) examinou o alteamento da pretônica /o/ no falar culto de 12 informantes de Recife-PE. Nesse estudo, as variáveis investigadas foram: realização da palavra, contexto fonológico precedente, contexto fonológico posterior, extensão do vocábulo, posição quanto à sílaba tônica, tipo de vogal tônica, vogal pretônica seguinte, atonicidade, tipo de sílaba, natureza do vocábulo, *corpus*, estrutura da sílaba, sexo e faixa etária.

Os resultados obtidos por Amorim (2009) mostram que: a) no contexto precedente, a bilabial e a velar favorecem o alteamento; b) no contexto seguinte, a labiodental e a palatal contribuem positivamente com a regra; c) no tipo de vogal tônica, a alta posterior e alta posterior nasal são aliadas da regra; d) na variável distância, a distância 1 é favorável ao alteamento; e) na estrutura da sílaba, a sílaba aberta favorece, levemente, a regra; f) na classe do vocábulo, o fator nome favorece, ainda que discretamente, o alteamento; e g) na faixa etária, a faixa 1 contribui, levemente, com a regra. Os principais achados de Amorim (2009) estão devidamente expostos na Tabela 3:

Tabela 03: Resultados de Amorim (2009) para o alteamento da pretônica /o/

Grupo de fatores	Fatores favorecedores e Peso Relativo	
Contexto fonológico precedente	bilabial (,74)	velar (,62)
Contexto fonológico seguinte	labiodental (,82)	palatal (,82)
Tipo de vogal tônica	alta posterior (,96)	alta posterior nasal (,97)
Distância	distância 1 (,71)	-
Estrutura da sílaba	Sílaba aberta (,53)	-
Classe do vocábulo	nome (,53)	-
Faixa etária	I faixa etária (até 39 anos) (51)	-

Fonte: Elaborado pelas autoras.

De acordo com os trabalhos de Silva (1989), Celia (2005) e Amorim (2009), compreendemos que, em linhas gerais, o fenômeno do alteamento de /o/ é condicionado por variáveis, em sua maioria, de ordem intralinguística e que as variáveis extralinguísticas têm uma atuação mais discreta no favorecimento da regra. Desse modo, as variáveis linguísticas mais importantes são: os contextos precedentes e seguintes, a sílaba tônica e a vogal átona seguinte. Quanto às variáveis extralinguísticas, os falantes mais velhos e o sexo masculino são os fatores que favorecem o alteamento no contexto dos trabalhos que consideramos aqui.

2. METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos nosso *corpus* e a amostra selecionada, definimos a variável dependente deste estudo, assim como as variantes, isto é, apresentamos nosso envelope de variação. Além disso, descrevemos alguns dos principais procedimentos metodológicos adotados na coleta e na análise dos dados.

Conforme já indicamos, a amostra de fala utilizada, neste trabalho, é proveniente do banco de dados PORCUFORT, construído entre os anos de 1993 e 1995. Atualmente, o

PORCUFORT conta com 73 inquéritos de fala culta representativa da cidade de Fortaleza-CE. Distribuídos nesse total de inquéritos, os informantes do PORCUFORT estão devidamente estratificados em função do *sexo* (masculino e feminino), da *faixa etária* (faixa I 22-35 anos, faixa II 36-55 e faixa III mais de 56) e do *tipo de registro* (DID, D2 e EF) (ARAÚJO, 2000).

Sobre a caracterização dos diferentes tipos de inquéritos que compõem o PORCUFORT, é importante ressaltar que os inquéritos do tipo D2 consistem em conversas com elevado grau de informalidade entre dois indivíduos (ARAÚJO, 2000). Afinal, os informantes selecionados para este tipo de gravação, geralmente, são conhecidos próximos ou pessoas com algum grau de parentesco.

Já o tipo de inquérito DID figura como uma conversa entre o informante selecionado e o entrevistador que conduz a dinâmica do diálogo. O grau de informalidade, neste tipo de inquérito, é moderado (ARAÚJO, 2000). Por fim, o tipo de inquérito EF consiste em palestras, aulas ou pregações religiosas ministradas pelos informantes. Este tipo de inquérito é o mais formal do PORCUFORT, já que os informantes apresentam um alto grau de monitoramento da própria fala, nessas situações de interação comunicativa. (ARAÚJO, 2000; ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018).

A partir de um recorte no quadro geral dos informantes do PORCUFORT, selecionamos, para a composição da amostra desta pesquisa, 36 inquéritos organizados conforme o Quadro 1:

Quadro 1: Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais controladas na nossa amostra⁴

Registro Faixa etária	Sexo/Gênero					
	Masculino			Feminino		
	DID	D2	EF	DID	D2	EF
22-35 anos	2	2	2	2	2	2
36-49 anos	2	2	2	2	2	1 ⁵
50+ anos	2	2	2	2	2	1 ⁶

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Araújo, Viana e Pereira (2018).

4 Para uma melhor ortogonalidade das células, reorganizamos as faixas etárias originais do banco de dados PORCUFORT para as seguintes faixas: faixa I 22-35 anos, faixa II 36-49 anos e faixa III mais de 50 anos.

5 Só foi localizado um inquérito com boa audibilidade para esta célula, no PORCUFORT.

6 No PORCUFORT, encontramos apenas um inquérito para esta célula.

Importante ressaltar que a utilização do PORCUFORT para a realização desta pesquisa foi devidamente autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará (CEP/UECE), como atesta o número CAAE 63886617.0000.5534, referente à submissão desta pesquisa à Plataforma Brasil. Dito isso, a seguir descreveremos nossas variáveis dependente e independentes.

Como variável dependente, analisamos, neste estudo, a regra de alteamento, que compreende a realização de /o/, como vogal alta (*p[u]pulação*), e a regra de manutenção, que compreende a não alteração da altura da vogal que permanece como média fechada (*p[o]pulação*). Tratamos sempre como regra de aplicação, a variante não-padrão⁷, isto é, o alteamento de /o/.

Ao todo, controlamos 11 variáveis independentes, 08 de natureza linguística (*contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, atonicidade, tipo de sílaba tônica, tipo de átona seguinte, distância da vogal tônica, estrutura da sílaba e classe do vocábulo*) e três variáveis de ordem extralinguística (*sexo, faixa etária e tipo de registro*), conforme nos referimos logo na introdução deste artigo.

Sobre a noção de variável dependente, no âmbito da Sociolinguística Variacionista, é importante colocar que, aqui, esse termo compreende o conjunto de fatores que não dependem de nenhum outro, mas, sobre a variável dependente (que compreende as variantes estudadas) podem exercer pressão aumentando ou diminuindo a frequência de uso das formas variantes (MOLLICA, 2012). Destarte, apresentamos, na sequência, cada uma das variáveis independentes testadas, nesta pesquisa.

Contexto fonológico precedente – esta variável foi controlada nos estudos de Silva (1989), Celia (2004) e Amorim (2009) e, para podermos realizar uma comparação entre os nossos resultados com os resultados dos demais estudos, devemos controlar esta variável também. Além disso, acreditamos que as consoantes com traço articulatório alto podem influenciar o alteamento da vogal pretônica em pauta. Sendo assim, os fatores controlados por nós estão organizados da seguinte maneira:

7 O termo 'não-padrão', nesse caso, é usado especificamente para referir o modelo de língua imposto pela tradição normativa presente, sobretudo, nas Gramáticas Normativas ou Tradicionais.

- *Alveolares e dentais* ([t], [d], [n], [l], [r], [s] e [z]): teoria
- *Labiais* ([p], [b], [m], [v] e [f]): portadoras
- *Palatais e palatalizadas* ([ʃ], [ʒ], [tʃ], [dʒ], [ɲ] e [ʎ]): jornal
- *Velares* ([k] e [g]): consulta
- *Glotais* ([h] e [ɦ]): romantismo.

Contexto fonológico seguinte – Assim como o grupo anterior, o controle desta variável se justifica pelo fato de ela ter sido testada em todos os estudos acerca do fenômeno em pauta consultados por nós (SILVA, 1989; CELIA, 2004; AMORIM, 2009). Logo, para poder estabelecer uma comparação entre os achados desta pesquisa e os resultados de trabalhos anteriores, devemos, também, controlar a referida variável. Do mesmo modo que na variável *Contexto fonológico precedente*, acreditamos que a presença de consoantes com traço alto pode elevar a altura da vogal posterior pretônica. A seguir, estão os fatores controlados na variável *Contexto fonológico seguinte*:

- *Alveolares e dentais* ([t], [d], [n], [l], [r], [s] e [z]): poderia
- *Labiais* ([p], [b], [m], [v] e [f]): sofreu
- *Palatais e palatalizadas* ([ʃ], [ʒ], [tʃ], [dʒ], [ɲ] e [ʎ]): projeto
- *Velares* ([k] e [g]): locais
- *Glotais* ([h] e [ɦ]): morreu

Atonicidade – nesta variável, controlamos o processo derivacional em que a vogal média átona posterior perde ou adquire tonicidade. Segundo Bisol (1981), átonas casuais inibem o alteamento, pois guardam resquícios das suas formas primitivas. Logo, acreditamos que as átonas permanentes figuram como o ambiente favorável para o alteamento. No trabalho de Celia (2004), o fator átona permanente foi favorável ao alteamento de /o/. Por esta razão, controlamos o efeito da atonicidade. Os fatores são os seguintes:

- *átona permanente*: aquela que não se associa à vogal acentuada em palavras cognatas. Ex.: total (átona) / totalidade (átona); local (átona) / locais (átona).
- *átona casual*: aquela que se associa à vogal acentuada em palavras cognatas. Ex.: psicólogo (tônica) / psicologia; (átona); teórico (tônica) / tegria (átona).

Tipo de vogal tônica – este grupo de fatores pode ter relevância neste estudo, pois acreditamos que as vogais tônicas altas podem desencadear o alteamento da vogal pretônica /o/, conforme apontou o estudo de Bisol (1981). A fim de testar a possível influência da variável *tipo de vogal tônica* sobre o alteamento da pretônica /o/, também neste estudo, controlamos os seguintes fatores:

Quadro 2: Vogais tônicas

tônica baixa [a]: contamin <u>a</u> r	tônica média-alta posterior [o]: portad <u>o</u> ras	nasalizada média anterior [ẽ]: escolh <u>e</u> ndo	ditongos orais e ditongos nasais [ãw]: populaç <u>ã</u> o
tônica média-baixa anterior [ɛ]: proj <u>e</u> to	tônica alta anterior [i]: mot <u>i</u> vo	nasal média posterior [õ]: col <u>õ</u> ncias	
tônica média-baixa posterior [ɔ]: top <u>o</u> grafo	tônica alta posterior [u]: introd <u>u</u> zo	nasal alta anterior [ĩ]: sobr <u>ĩ</u> nha	
tônica média-alta anterior [e]: gov <u>e</u> rno	nasalizada média-baixa [ẽ]: hemogr <u>a</u> ma	nasal alta posterior [ũ]: conf <u>u</u> nde	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Tipo de átona seguinte – assim como o grupo de fatores anterior, controlamos a variável *tipo de átona seguinte* para observar como elas influenciam o processo de alteamento da vogal pretônica /o/. Acreditamos que a presença de uma vogal átona seguinte alta possa favorecer o alteamento. Sendo assim, os fatores controlados estão elencados no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3: Vogais átonas seguintes

baixa [a]: Fort <u>a</u> leza	média-alta posterior [o]: col <u>o</u> quei	nasalizada média anterior [ẽ]: apos <u>e</u> ntei	orais e ditongos nasais: sem ocorrência na amostra
média-baixa anterior [ɛ]: adol <u>e</u> scentes	alta anterior [i]: cogn <u>i</u> tiva	nasal média posterior [õ]: col <u>õ</u> nização	sem átona seguinte: problema
média-baixa posterior [ɔ]: contr <u>o</u> lando	alta posterior [u]: proc <u>u</u> rar	nasal alta anterior [ĩ]: sem ocorrência na amostra	
média-alta anterior [e]: prof <u>e</u> ssores	nasalizada média- baixa [ẽ]: sem ocorrência na amostra	nasal alta posterior [ũ]: conj <u>u</u> ntamente	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Distância da vogal tônica – neste grupo, analisamos o papel desempenhado pela proximidade ou pela distância da vogal tônica em relação à vogal pretônica posterior, pois,

segundo Amorim (2009), os processos de assimilação exigem contiguidade para a determinação da altura da vogal pretônica. Sendo assim, o esperado é que as vogais mais próximas da sílaba tônica sofram mais influência do alteamento do que as vogais mais distantes. Com o intuito de testar essa premissa, controlamos os seguintes fatores:

- *Distância 1: fo*rmado
- *Distância 2: pro*fissão
- *Distância 3: so*ciidade
- *Distância 4 ou superior: pro*fissionalismo

Estrutura da sílaba – De acordo com Bisol (1981), as sílabas travadas desfavorecem o alteamento, já que se distanciam da área da vogal alta posterior. Portanto, nossa hipótese é a de que as sílabas livres influenciem o alteamento. Para verificarmos se a estrutura da sílaba auxilia o processo de alteamento da pretônica posterior, na amostra desta pesquisa, controlamos os seguintes fatores:

- *Livre: jo*gador
- *Travada: fo*rmado

Classe do vocábulo – em Amorim (2009), o fator *nome* foi favorecedor do processo de alteamento da média posterior. Partindo dessa assertiva, resolvemos testar o possível efeito do componente morfológico sobre a realização da pretônica posterior, na amostra de fala usada nesta pesquisa. Para isso, controlamos os fatores a seguir:

- *Substantivo: problema*
- *Verbo: jogamos*

Sexo – nos estudos discutidos, ainda que brevemente, na seção anterior deste trabalho, a variável *sexo* foi selecionada, mas não se apresenta como uma variável muito forte no processo de alteamento da pretônica posterior. Para sabermos se este comportamento irá se repetir, neste estudo, controlamos os fatores a seguir:

- *Masculino*
- *Feminino*

Faixa etária – nos trabalhos de Silva (1989), Celia (2004) e Amorim (2009), os informantes com maiores idades nas amostras analisadas aparecem como aliados do alteamento.

Por esta razão, controlamos os fatores a seguir, partindo da premissa segundo a qual os falantes mais velhos selecionados para este estudo tendem a favorecer o alteamento da pretônica /o/:

- *Faixa I* – 22 a 35 anos
- *Faixa II* – 36 a 49 anos
- *Faixa III* – a partir de 50 anos

Tipo de registro – neste grupo de fatores, controlamos a interferência do estilo de fala no alteamento da pretônica posterior. Para isso, levamos em consideração a própria estratificação do *corpus*. Sendo assim, os fatores controlados são os seguintes:

- *Diálogo entre Informante e Documentador - DID*
- *Diálogo entre Dois Informantes - D2*
- *Elocução Formal - EF*

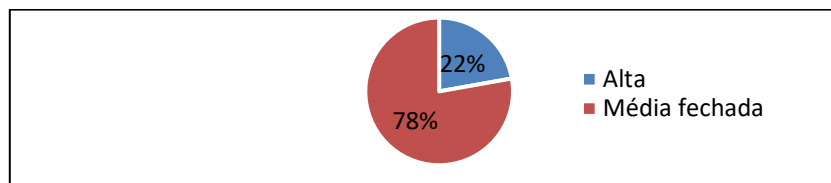
A partir da audição dos 36 inquéritos da amostra construída para esta pesquisa, coletamos as ocorrências da pretônica média posterior dentro do contexto CVC (consoante, vogal, consoante) em verbos e substantivos. A transcrição fonética foi feita de oitiva e, ao todo, estimamos que ouvimos cerca de 30 horas de gravações. Após essa etapa, os dados foram codificados e submetidos às análises estatísticas do programa GoldVarb X (SANKOFF; TRAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para esta análise, submetemos ao programa GoldVarb X um total de 1.385 ocorrências do fenômeno variável tomado como objeto de análise desta pesquisa. Desse total, 319 foram para a vogal alta [u] e 1.066 foram para a vogal média fechada [o]. Ou seja, o maior quantitativo de ocorrências foi da *manutenção*, enquanto as ocorrências referentes ao *alteamento* restringem-se a uma pequena parcela do número total de ocorrências do fenômeno em estudo. Este resultado já era esperado por nós, em decorrência de estarmos trabalhando com dados provenientes de um *corpus* constituído integralmente por informantes com nível superior de escolaridade e, por essa razão, são sujeitos com um maior tempo de contato com a norma padrão da língua. Esse fato tende, portanto, a aproximar a língua desses indivíduos do modelo de língua imposto pela tradição normativa (VOTRE, 2012).

No Gráfico 1, os resultados obtidos para as variantes estudadas estão devidamente representados em termos de percentuais de uso que indicam a frequência de uso das variantes analisadas, neste estudo.

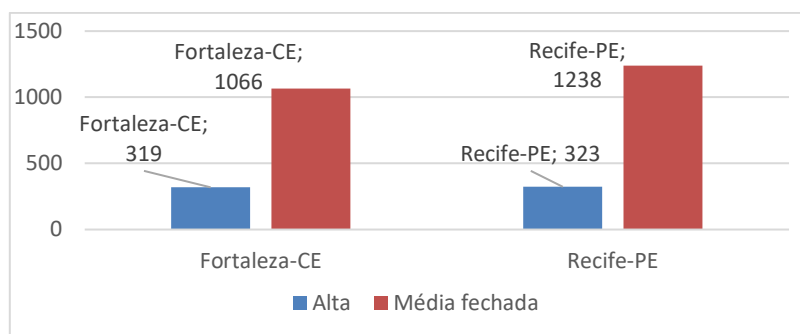
Gráfico 1: Frequência de uso das variantes



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Após a apresentação do percentual de uso das variantes estudadas, comparamos, conforme o Gráfico 2, a frequência de uso das variantes analisadas aqui com as frequências de uso dessas mesmas variantes encontradas no trabalho de Amorim (2009)⁸:

Gráfico 2: Frequência de uso da pretônica posterior alta em amostra de linguagem culta de Fortaleza e de Recife



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como podemos observar no Gráfico 2, as frequências de aplicação da vogal pretônica alta em Fortaleza-CE são bem parecidas com as frequências encontradas em Recife-PE, ou seja, o alteamento da pretônica posterior é bem menos frequente do que a sua manutenção na fala culta. Retomando os nossos procedimentos de análise, fizemos uma rodada opondo a vogal alta à vogal média fechada, e, nesta primeira rodada, ocorreu um nocaute⁹ na variável *contexto fonológico precedente*, no fator *palatal* (03 ocorrências: chorou [ʃo'row] duas vezes e jogador

⁸ Comparamos as frequências de nossas variantes apenas com as frequências das variantes de Amorim (2009), pois este foi o único estudo que apresentou dados percentuais.

⁹ Nos trabalhos variacionistas, os nocautes são um problema para as análises estatísticas fornecidas pelo GoldVarb X, pois implicam dizer que, em um dado contexto, o uso de uma das variantes analisadas foi categórico, ou seja, não houve variação (GUY; ZILLES, 2007).

[ʒɔga'do] uma vez); 3 nocautes no grupo *tipo de vogal tônica*, com os fatores [ɔ] (13 ocorrências), [ũ] (02 ocorrências: conjunto [kõ'zũtu] e confunde [kõ'fũdi]) e [õ] (02 ocorrências duas vezes confronto [kõ'frõtU]) e 3 nocautes no grupo tipo de *átona seguinte*, com os fatores [ã] (09 ocorrências), [ɔ] (18 ocorrências), e [õ] (03 ocorrências três vezes confrontação: [kõfrõta'sãw]).

Diante desses resultados, optamos, então, por excluir todos os nocautes e seguir com a rodada *Step up/step down*. Nesta etapa, a melhor rodada para o *alteamento* da posterior foi a de número 58, com *Input* = 0.138, *Log Likelihood* = -526.796 e *Significance* = 0.000. Nesta rodada, os grupos selecionados, por ordem de relevância, para a vogal [u], foram: *estrutura da sílaba*, *tipo de registro*, *tipo de átona seguinte*, *contexto fonológico seguinte*, *faixa etária*, *tipo de vogal tônica*, *sexo* e *contexto fonológico precedente*. Já os grupos de fatores irrelevantes estatisticamente foram os seguintes: *classe do vocábulo*, *atonicidade* e *distância da vogal tônica*, nesta mesma ordem de exclusão.

A seguir, apresentamos as tabelas com os números percentuais e pesos relativos para cada uma das variáveis selecionadas, bem como a interpretação desses resultados.

Tabela 4: Atuação da variável *contexto fonológico precedente*

Fatores	Alteamento	
	% (Aplica/Total)	Peso relativo
Velares	28.3% (178/269)	0,532
Labiais	18% (96/533)	0,526
Alveolares/dentais	20.2% (44/218)	0,355
Glotais	20% (1/4)	0,280
Palatais/palatalizadas	Nocaute	

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Como podemos ver na Tabela 4, os contextos que favorecem, ainda que discretamente, o alteamento da pretônica posterior são as *consoantes velares* (0,532) e as *labiais* (0,526). Já as *alveolares* (0,355) e *glotais* (0,280) inibem esse processo. De acordo com Bisol (1981), as *consoantes labiais* tendem a favorecer o *alteamento* porque possuem o traço de labialidade em comum. Ou seja, tanto as *labiais* quanto à *vogal posterior alta* compartilham o mesmo traço articulatorio, criando, assim, um ambiente favorável para o alteamento de /o/. Já as *consoantes velares* figuraram como favorecedoras do *alteamento* por apresentarem traço articulatorio alto, o que auxilia o alteamento da pretônica posterior.

Tabela 5: Atuação da variável *contexto fonológico seguinte*

Fatores	Alteamento	
	% (Aplica/Total)	Peso relativo
Labiais	33.2% (188/567)	0,614
Palatais/palatalizadas	27.1% (39/144)	0,500
Alveolares/dentais	13.7% (85/619)	0,431
Velares	8.6% (3/35)	0,170
Glottais	20% (4/20)	0,154

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na Tabela 5, observamos que a consoante favorecedora do *alteamento* da pretônica posterior é a *labial* (0,614), ao passo que a *palatal* (0,500) se mostra neutra. Já as demais consoantes (*velares* (0,170), *alveolares/dentais* (0,431) e *glottais* (0,154)) desfavorecem a regra. Como explicação para o comportamento da *consoante labial* diante da *vogal alta posterior*, acreditamos que, assim como no grupo anterior (*contexto fonológico precedente*), as *consoantes labiais* privilegiam o *alteamento* da pretônica posterior por conta do traço de labialidade que compartilham com a vogal posterior alta.

Tabela 6: Atuação da variável *tipo de vogal tônica*

Fatores	Alteamento	
	% (Aplica/Total)	Peso relativo
[ẽ]	40.8% (31/76)	0,703
[ɛ]	32.9% (25/76)	0,595
[e]	39.7% (75/187)	0,581
[ã]	29.6% (42/142)	0,577
[i]	22.6% (67/296)	0,570
Ditongos orais e nasais	16% (58/363)	0,500
[ĩ]	33.3% (2/6)	0,425
[u]	9.1% (2/22)	0,412
[ã]	21.4% (9/42)	0,395
[o]	4.6% (8/173)	0,180
[ɔ]	Nocaute	
[õ]	Nocaute	
[ũ]	Nocaute	

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A Tabela 6 indica que as *vogais tônicas* aliadas do processo de *alteamento* são [ã] (0,577), [ɛ] (0,595), [e] (0,581), [i] (0,570), e [ẽ] (0,703). Já os *ditongos orais e nasais* (0,500) tiveram um desempenho neutro. As *demais vogais* com peso relativo abaixo de (0,500) e aquelas que apresentaram nocaute inibem o *alteamento*. Neste grupo, esperávamos que as *vogais tônicas altas* obtivessem destaque na aplicação da regra, pois a influência do traço alto dessas vogais poderia disparar o processo de *alteamento*. No entanto, foram selecionadas *vogais baixas e*

médias, e a vogal anterior nasalizada se configura como líder no processo de alteamento. De acordo com Bisol (1981), as vogais nasais favorecem o alteamento, pois estas se aproximam da área das vogais altas pelo aumento de formantes altos, que são ressonâncias intensificadas nos tratos oral e nasal.

Tabela 7: Atuação da variável *tipo de átona seguinte*

Fatores	Alteamento	
	% (Aplica/Total)	Peso relativo
[ɛ]	42% (29/69)	0,765
[ẽ]	55.6% (5/9)	0,696
Sem átona seguinte	33% (185/375)	0,596
[e]	14% (35/250)	0,477
[u]	11.6% (20/172)	0,434
[i]	18.4% (40/217)	0,418
[a]	7.9% (3/38)	0,381
[o]	2.9% (2/70)	0,107
[ɔ]	Nocaute	
[õ]	Nocaute	
[ö]	Nocaute	
[i]	Nocaute	

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na Tabela 7, vemos que as vogais tônicas aliadas do alteamento da pretônica posterior são [ɛ] (0,765), [ẽ] (0,696) e o fator *sem átona seguinte* (0,596). Todas as outras vogais com peso relativo abaixo de (0,500) inibem o alteamento. Assim como ocorreu no grupo anterior (*tipo de vogal tônica*), na variável *tipo de átona seguinte*, as vogais baixas e nasalizadas obtiveram destaque na aplicação da regra. Já para as vogais altas, esperávamos uma atuação de destaque para o alteamento, porém, elas não apareceram como relevantes na seleção dos fatores.

Tabela 8: Atuação da variável *estrutura da sílaba*

Fatores	Alteamento	
	% (Aplica/Total)	Peso relativo
Livre	38.3% (269/702)	0,737
Travada	7.3% (50/683)	0,257

Fonte: Elaborada pelas autoras.

De acordo com a Tabela 8, a *sílaba livre* (0,737) favorece o alteamento, enquanto a *sílaba travada* (0,257) desfavorece a aplicação dessa mesma regra. De acordo com Bisol (1981), as sílabas travadas tendem a inibir o alteamento, pois a sua articulação é próxima à área de articulação das vogais baixas posteriores, portanto, sílabas travadas inibem a aplicação do alteamento.

Tabela 9: Atuação da variável *sexo*

Fatores	Alteamento	
	% (Aplica/Total)	Peso relativo
Masculino	27.7% (186/672)	0,556
Feminino	18.7% (133/713)	0,447

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Como vemos na Tabela 9, o *sexo masculino* favorece, ainda que levemente o alteamento de /o/, já o *sexo feminino* restringe a aplicação da regra. Ou seja, ao passo que o fator *feminino* inibe a aplicação do *alteamento*, o fator *masculino*, por sua vez, tem uma considerável inclinação para o fenômeno. Sendo assim, podemos inferir que as *mulheres* preferem as formas que menos se distanciam da norma padrão, tal como pressuposto por Labov (2006, 2008 [1972], 2010).

Tabela 10: Atuação da variável *faixa etária*

Fatores	Alteamento	
	% (Aplica/Total)	Peso relativo
Faixa I (22-35)	11% (51/464)	0,346
Faixa II (36-49)	31.8% (127/400)	0,611
Faixa III (50 ou mais)	27.1% (141/521)	0,554

Fonte: Elaborada pelas autoras.

De acordo com a Tabela 10, as faixas etárias favorecedoras do *alteamento* são as *faixas II* (,611) e *III* (,554). Sendo assim, a *faixa I* inibe a aplicação do *alteamento*. Uma explicação para tal resultado pode ser encontrada no fato de que os informantes entre 22 a 35 anos foram inseridos recentemente no mercado de trabalho, mais especificamente na época da construção do PORCUFORT, e, talvez por isso, evitam utilizar as formas consideradas desviantes da norma padrão¹⁰.

Tabela 11: Atuação da variável *tipo de registro*

Fatores	Alteamento	
	% (Aplica/Total)	Peso relativo
DID	32.2% (148/459)	0,644
D2	25.5% (141/553)	0,581
EF	8% (30/373)	0,229

Fonte: Elaborada pelas autoras.

¹⁰ Nesse contexto, reiteramos que o termo *norma padrão* é usado para referir o modelo de língua imposto pela tradição normativa presente nas Gramáticas Tradicionais e que tende a ser preservado pela escola.

Na Tabela 11, vemos que o *tipo de registro* que mais contribui com a realização do *alteamento* é o *DID* (0,664), seguido pelo *D2* (0,581). Já o tipo de registro *EF* (0,229) dificulta o emprego do fenômeno. Ou seja, os tipos de inquéritos mais informais como *DID* e *D2* são mais propícios para a ocorrência do *alteamento*. Por outro lado, o tipo de registro mais formal, isto é, o *EF*, não permite que o mesmo aconteça. Como explicação para o comportamento desse último *tipo de registro*, entendemos que, em situações formais, os indivíduos tendem a evitar formas linguísticas inovadoras e, portanto, não reconhecidas pela norma padrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos o processo de *alteamento* da vogal pretônica posterior /o/ em amostra de linguagem culta da cidade de Fortaleza-CE. Para tanto, selecionamos uma amostra de 34 informantes de nível superior, provenientes do banco de dados PORCUFORT que foram estratificados em sexo (masculino e feminino), em três tipos de registro (*DID*, *EF* e *D2*) e em três faixas etárias distintas (22-35, 36-49 e 50 ou mais anos).

Para nosso estudo, elencamos oito variáveis linguísticas (*contexto fonológico precedente*, *contexto fonológico seguinte*, *atonicidade*, *tipo de sílaba tônica*, *tipo de átona seguinte*, *distância da sílaba*, *estrutura da sílaba* e *classe do vocábulo*) e três variáveis extralinguísticas (*sexo*, *faixa etária* e *tipo de registro*).

Por meio da audição dos inquéritos selecionados, catalogamos 1.385 ocorrências, sendo que, deste total, apenas 319 ocorrências são referentes ao *alteamento*. No entanto, esse resultado já era aguardado, pois os informantes de nossa amostra possuem alto nível de escolaridade, e o *alteamento* é um fenômeno que se distancia da norma padrão.

As variáveis selecionadas pelo programa GoldVarb X como favorecedoras do *alteamento* foram *estrutura da sílaba*, *tipo de registro*, *tipo de átona seguinte*, *contexto fonológico seguinte*, *faixa etária*, *tipo de vogal tônica*, *sexo* e *contexto fonológico precedente*. Sendo assim, podemos destacar o fato de que nenhum dos fatores extralinguísticos analisados, nesta pesquisa, foi excluído pelo programa, o que nos leva a crer que, assim como os fatores linguísticos, os fatores extralinguísticos também exercem bastante relevância sobre o *alteamento* de /o/.

Entre os fatores extralinguísticos, cabe ressaltar a atuação do *tipo de registro* e do *sexo*. No primeiro, observamos que os fatores *D1D* e *D2* são ambientes favoráveis ao alteamento porque ambos trazem contextos de fala menos formais do que no *EF*. Já, quanto ao fator *sexo*, os *homens* favorecem o alteamento ao contrário das *mulheres*, pois o *sexo feminino* tende a preferir as variantes mais próximas da norma padrão. Dentre os trabalhos que resenhamos, os estudos de Silva (1989) e Celia (2004) também obtiveram resultados semelhantes aos nossos quanto à variável *sexo*.

Por fim, sinalizamos que, em uma futura pesquisa sobre o alteamento de /o/, podemos incluir novos grupos de fatores, como *advérbios*, *interjeições* e *adjetivos*, já que este trabalho inclui apenas *verbos* e *substantivos*. Com isso, compreendemos que a inclusão de novos fatores linguísticos poderia nos proporcionar uma visão ainda mais apurada acerca da influência de fatores internos sobre o alteamento da pretônica /o/.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, G. da S. **O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista de língua falada culta do Recife**. 2009. 170 f. Dissertação (Mestrado em Artes e Comunicação) – Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7532>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- ARAÚJO, A. A. de. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. 2000. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.
- ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de Sousa O Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT: das origens aos dias atuais. **Web Revista SOCIODIALETO**, [S.l.], v. 8, n. 24, p. 174-198, jun. 2018. Disponível em: <http://sociodialeto.ojs.galoa.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/39>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- BISOL, L. **Harmonização Vocálica: uma regra variável**. 1981. 334 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- CELIA, G. F. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia-ES**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos em Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. (Orgs.). **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. 2 ed. Cambridge: University Press, 2006.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change – Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors**. Vol. III. Wiley-Blackwell. A John Wiley e Sons, Ltd, publication, 2010.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 7-14.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto. 2005.

SILVA, M. B. da. **As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador**. 1989. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

VOTRE, Sebastião J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 51-57.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Brenda Kathellen Melo de ALMEIDA

Doutoranda e mestre em Linguística Aplicada pelo Programa em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras - licenciatura em língua portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atua nas áreas de Sociolinguística Variacionista e Dialetologia.

Aluiza Alves de ARAÚJO

Doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora adjunta K da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atua na área de Letras com ênfase em Linguística,



Linguística Aplicada, Sociolinguística e Dialetoлогия. Coordena o Projeto Variação lexical e morfossintática no falar de Fortaleza-CE, e o Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará – LAPESCE.

Maria Lidiane de Sousa PEREIRA

Doutoranda e mestre (2016) em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras - Língua Portuguesa (2014) pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atua na área de Letras com ênfase em Linguística, Sociolinguística Variacionista e Língua Portuguesa.

Rakel Beserra de Macêdo VIANA

Doutoranda e mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Graduada em Letras Português/Inglês pela mesma instituição, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - UECE/FAFIDAM (2007). Especialista em Gestão Educacional (2009) e em Ensino de Língua Inglesa (2012). Tem experiência no Ensino Básico com desenvolvimento de Projetos de Leitura e Escrita e no Ensino Superior em Educação à Distância.

Recebido em 04/março/2020 - Aceito em 27/julho/2020